

# O duplo sugar de fala em *As* *Parceiras*, de Lya Luft

Maria Juliana de Jesus Santos<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Sergipe (UFSE)  
Carlos Magno Gomes<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Sergipe (UFSE)

## Resumo

O presente artigo promove um debate sobre o lugar de fala da mulher silenciada e a vítima do sistema patriarcal na obra *As Parceiras* (1980), de Lya Luft. De tal modo, a violência contra a mulher, nessa obra, confunde-se com a violência do patriarcado, dentro de casamentos fracassados de três gerações de mulheres insatisfeitas e infelizes. Então, a narrativa passa a ser contada pela personagem narradora, Anelise, através das memórias que se alternam entre fatos de cada geração de mulheres de sua família, partindo da matriarca, Catarina, sua mãe e tias, até chegar ao presente desconcertante da protagonista. Dessa sobreposição de vozes de Anelise e Catarina, analisamos o lugar de fala da mulher, reverenciado por Gayatri Spivak e Dijamila Ribeiro, a fim de explorar a técnica usada pela narradora para dar voz às mulheres silenciadas de sua família, enquanto se busca encontrar no presente. Ampliando o recorte teórico-metodológico, utilizamos os conceitos de estudos feministas e de gêneros propostos por Lia Zanotta Machado, a respeito das classificações das diferentes fases da violência de gênero, e por Carlos Magno Gomes, acerca da relativização da violência contra personagens femininas nas narrativas contemporâneas brasileiras.

## Palavras-chave

Voz. Violência de gênero. Estupro. Lugar de fala.

<sup>1</sup> Mestre em Letras pelo PPGL/UFS. E-mail: juliana.j.santos@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Associado da Universidade Federal de Sergipe/CNPq. Doutor em Literatura pela UnB com Pós-doutorado em Estudos Literários pela UFMG. E-mail: calmag@bol.com.br. Orcid: 0000-0001-9070-9010.

## **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo mostrar como a mulher violentada pode ter sua voz resgatada dentro de um texto literário de autoria feminina, que questiona a opressão patriarcal. A obra contemplada para esta análise, de Lya Luft, *As parceiras* (1980), recebe homenagem por seus 40 anos de pioneirismo ao retratar o estupro conjugal como temática literária. Sua estrutura apresenta, como um todo, traços estéticos que exploram o universo psicológico das personagens e aproximam as vozes da narradora, Anelise, de sua vó, Catarina, que quando jovem é abusada pelo marido. A narradora retoma uma sequência de fatos vivenciados por sua família, mas se confunde com suas insatisfações pessoais, que, muitas vezes, são de suas antecessoras. De modo fragmentado, notaremos como o enredo vai sendo construído pelo olhar de uma mulher muito triste. Mesmo fragilizada, ela consegue resgatar os gritos das mulheres que sofreram com a violência patriarcal em sua família.

Página | 164

Com uma estrutura narrativa que joga com valores morais e tem uma proposta de escrita inovadora, o texto de Luft, sob o olhar dos estudos de gênero e feministas, intercala estilos e temas da história da autoria feminina no Brasil: loucura, mulher transgressora, violência contra a mulher, silenciamento causado pela opressão de gênero, maternidade interrompida, entre tantos outros. Tais enfoques são revisados e questionados nos textos pós-moderno de autoria feminina como os de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Nérida Piñon, entre outras (GOMES, 2010).

Após essas breves colocações, abordamos alguns conceitos da crítica feminista e de gênero que são utilizados neste artigo: o de violência de gênero, conforme as abordagens da antropóloga Lia Zanotta Machado (2010); os mecanismos que compõem a dominação simbólica, de acordo com valores simbólicos e sociais propostos por Pierre Bourdieu (2017); e as diferentes etapas da violência doméstica identificadas na representação do estupro conjugal em Lya Luft, propostas por Carlos Gomes (2018). Além do contexto da violência imposta à mulher, também resgatamos as estratégias estéticas de ruptura do silêncio das mulheres oprimidas, ao fazer emergir as vozes do passado por meio de uma personagem que faz um balanço de sua vida e de seus familiares.

Os estudos feministas contribuem para a ampliação dos questionamentos a respeito das regulações sociais impostas pela sociedade que determinam os comportamentos dos sujeitos, dividindo-os entre dominados e dominantes. A pesquisadora Judith Butler destaca a regulação de gênero como uma imposição de

normas, que ratificada o modelo heteronormativo na cultura ocidental, uma vez que “o termo regulação parece sugerir a institucionalização do processo pelo qual as pessoas são tornadas normais” (2004, p. 251). No texto de Luft, Catarina não pertencia ao contexto da “normalidade”, uma vez que fugia às normas impostas pelos valores patriarcais e era nomeada como “louca”.

Por essa perspectiva, percebemos a amplitude do conceito de gênero, “na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino, obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando” (LOURO, 1997, p. 23). Qualquer conceito, que transfere o distanciamento dos ditos sociais com as normas, é considerado fora do comum. De tal modo, o conceito de gênero é definido como uma relação socialmente construída entre homens e mulheres, servindo como categoria de análise para se investigar a construção social do feminino e do masculino (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 5).

A seguir, apresentaremos nossa análise por etapas. Na primeira, identificaremos a aproximação entre a narradora e a sua avó. Na segunda, a questão do lugar de falar da mulher violentada. E, por último, a intersecção dessas vozes como uma opção estética de denúncia dos diferentes tipos de violência contra a mulher.

### **Uma matriarca contra a tradição**

Em *As parceiras*, as regulações de gênero em torno de Catarina, a avó de Anelise, repetem as normas patriarcais pautadas pela força e virilidade masculinas em oposição à submissão feminina. Tal dinâmica reforça a flexibilidade do conceito de gênero, visto como um “mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados” (BUTLER, 2004, p. 253). Tal desconstrução está no processo de revisão do passado da família da narradora, Anelise, que à medida que resgata as violentas normas impostas aos familiares, revê seus próprios valores.

A partir do resgate dos castigos sofridos por Catarina, Anelise traça um novo olhar sobre as atitudes tirânicas do avô e passa a juntar os elos do quebra-cabeças dos problemas familiares. Ela se debruça também no caso de sua mãe, Norma, que era vista como mãe ausente e distante na criação das filhas. No meio do furacão, está a própria narradora, reunindo as pontas do novelo das dores da família. Essas três gerações trazem

questionamentos de um perverso sistema patriarcal. Com essa revisão do passado, Anelise desconstrói discursos que culpam as mulheres pelo insucesso do patriarca em não ter tido filhos para manter sua tradição.

Neste recorte inicial, partimos da premissa de que a violência produzida no ambiente doméstico é responsável pelos transtornos psicológicos e pelo silenciamento das personagens, recolhidas em um mundo de mistérios, enigmas e insatisfações. Tais frustrações atravessam as três gerações: inicia-se com os abusos contra a avó, Catarina, passa pela maternidade ausente de Nora, a mãe da narradora, e encerra-se com a fase depressiva de Anelise, que retoma as vozes das antecessoras. Para comprovarmos essa linha de raciocínio, identificamos, a partir de pensamentos e lembranças obtidos por Anelise, as regulações de gênero que aprisionam as personagens femininas às sombras da casa.

No processo de revisão das questões de gênero, não podemos deixar de citar a importância do movimento feminista, resistindo e questionando, até os dias atuais, os valores machistas como as relações desiguais de gênero: o corpo da mulher voltado para a maternidade e o do homem para o exercício da masculinidade. Por essa lógica biológica e conservadora, a atividade sexual é marcada pelo objetivo de reprodução, principalmente por parte da mulher, e o prazer sexual feminino passou a ser visto como algo profano (LARA *et al.*, 2016, p. 88). Essa mesma postura de revisão é identificada em *As parceiras*, que problematiza a questão do estupro conjugal, praticado contra Catarina, como um ato de posse do corpo feminino e de marcação do território masculino (GOMES, 2018).

Por este prisma, o romance de Luft tematiza a violência patriarcal como uma estratégia de regulação da identidade feminina. A matriarca, Catarina, aos 14 anos, foi obrigada, por sua mãe, a se casar com um homem de 30 anos. Esse relacionamento abusivo foi o estopim para diversos problemas de saúde da jovem esposa. Além de não desejar o matrimônio, ela era obrigada a ceder a todos os desejos sexuais do esposo, transmutando, assim, em um trauma maior que prolongou pelas gerações seguintes de sua família.

Anos sendo perseguida por esse marido implacável, Catarina passou a ser diagnosticada com transtornos psicológicos. Ela era cobrada para ser esposa ideal e para assumir a maternidade. Sem entrar no jogo sujo do casamento, ela sucumbiu. Mesmo diagnosticada com problemas psíquicos, o marido “caçou-a pelos quartos do casarão. Seguiu-a pelos corredores, ameaçou arrombar os banheiros chaveados” (LUFT, 2016, p. 13). Esse trecho trata da disciplina de um corpo que sofre a violência sexual de um

patriarca que impõe a virilidade como forma de controlar e disciplinar a esposa, reforçando que “a posição da mulher parece nada significar, a não ser a própria possibilidade de desafiar a lei simbólica do interdito social, como se obedecesse a um mandato” (MACHADO, 2010, p. 78).

No contexto ficcional, a visão crítica da narradora sobre a violência sofrida pela avó reforça a relevância do questionamento do passado da família, para expor o quanto a violência estrutural está presente na relativização do “estupro conjugal”, sofrido por Catarina, pois é ignorado pelos familiares (GOMES, 2018). Para fugir desse predador, ela se isola no sótão e passa a viver uma vida particular só para si.

Nessa relação abusiva, Catarina é vítima da violência interpessoal, que acontece “no interior de rede de relações de pessoas a pessoas, onde os laços e contatos são entre indivíduos que se conhecem” (MACHADO, 2010, p. 63). Assim, no plano ficcional, essa abordagem é espantosa por deixar resquícios de que todos sabiam daquela violência. Todavia, no contexto patriarcal, o “contrato conjugal” é entendido como “a reciprocidade entre a fidelidade da sexualidade feminina e o papel tradicional provedor dos homens” (MACHADO, 2010, p. 121). Da sexualidade imposta, foram surgindo diferentes sequelas e o agravamento do estado psicológico da vítima. Levando em conta tais abusos, identificamos os pontos em comum entre os traumas da matriarca e os problemas familiares das filhas e netas.

Ao denunciar que o avô “arrombava dia e noite o corpo imaturo” de Catarina (LUFT, 2016, p. 13), Anelise articula a voz dessa mulher com as das outras familiares, relacionando os problemas conjugais das gerações seguintes com o passado de pavor da matriarca. Suas conclusões não são óbvias, é preciso que o/a leitor/a fique bem atento/a, pois a narradora apresenta momentos de tensões e acaba misturando pensamentos, tornando-os enigmáticos, quando os apresenta fora de uma sequência lógica.

Ainda assim, observamos a narradora está preocupada também em questionar os valores simbólicos que sustentam as normas patriarcais, expondo as sequelas daquele jogo de abusos e imposições. Pierre Bourdieu sustenta que essa violência é presente e não é uma questão “espiritual”, pois ela tem efeitos reais como os distúrbios emocionais (2017, p. 55). Portanto, é importante analisarmos de que forma as vozes das personagens são articuladas e retomadas por Anelise, que tem como intuito expor o passado sombrio de suas raízes, ecoadas nos gritos e aflições de suas antecessoras.

Na sequência, reforçando as abordagens dos estudos de gênero, passamos a identificar as intersecções entre o lugar de fala da narradora e de sua avó. De tal modo,

retomaremos os momentos conflituosos de gênero sob o viés literário que observamos na obra.

### **As intersecções das vozes das personagens**

O romance de Luft narra os pensamentos e memórias de Anelise, no período de sete dias que ela passa no Chalé da família. Numa perspectiva voltada para os estudos de gênero, as recordações mostram, através de momentos de tristeza e tensão da narradora, que se afasta dos familiares e se refugia no chalé, ao passo que denuncia os gritos de suas ancestrais à medida que vai resgatando o passado de uma a uma das mulheres de sua família com destaque para o resgate da avó.

Essa mistura de vozes e o jogo narrativo entre o retomar a memória e o estado depressivo da narradora são indícios de como a parte estética se articula com a delicada temática do romance. Tal jogo de vozes é próprio da narrativa pós-moderna, que desloca as verdades e certezas narradas conforme Santiago (2002). O refúgio de Anelise, após perder seu único filho, marca a necessidade de saber se ainda havia alguma possibilidade de ela ser feliz: “Vim ao chalé resolver minha vida” (LUFT, 2014, p. 15).

As memórias fragmentadas da narradora são atravessadas pela dor da perda, proporcionando oscilações entre diferentes épocas de sua família e de sua vida pessoal. Ora ela adentra nos seus próprios pensamentos, ora nos pensamentos e nas memórias de outras personagens que vão compondo suas lembranças. Suas recordações são pautadas por narrativas trágicas. Todas as mortes e incertezas daquela família vêm à tona pelo olhar desiludido, pois “Anelise apresenta-se como uma personagem pouco ativa, que vive uma existência contemplativa e reflexiva: características essenciais do ser melancólico” (GROSSI, 2013, p. 04-05).

Nas tragédias pessoais da narradora: morte da avó, perda trágica dos pais, morte do filho, a ambiguidade proporciona um modelo de experimentação entre quem narra e quem vivenciou as situações conflituosas. Para Santiago, essas indagações são próprias do texto pós-moderno: “Quem narra uma história é quem a experimentou, ou quem a vê? Ou seja: é aquele que narra ações a partir de um conhecimento que passou a ter delas por ter observado em outro?” (SANTIAGO, 2002, p. 44).

Nessa obra, os episódios trágicos são retomados de forma não sequencial e vão nos dando pistas de como se desenvolveram todas as angústias daquelas mulheres. Trata-se de uma história de mulheres tidas como perdedoras e infelizes, como afirma a

narradora: “fiquei órfã de uma hora para outra. Tinha catorze anos: a idade de minha avó quando se casara. Não era tão ingênua quanto ela, mas solitária” (LUFT, 2014, p. 27). Essas lembranças se misturam e constroem a narrativa, ao adquirir um teor enigmático, de suspense e formação de quebra-cabeças, através das memórias trazidas e das associações com o presente da narrativa.

Em contrapartida com o passado de pavor, o/a leitor/a se depara com um presente de decepção, pois a narradora está arrasada pela perda do seu filho e não suporta mais viver seu casamento, por isso busca refúgio. Esse estado mental psicologicamente abalado é exemplificado por vários ângulos da narrativa e proporciona dúvidas e questionamentos por parte do/a leitor/a. Tal ênfase pode ser levada em consideração pelo fato de ela estar depressiva e da necessidade de buscar uma explicação para aquele momento de infelicidade. Uma de suas saídas foi resgatar a voz da avó, para, quem sabe, encontrar-se com ela por meio de suas lembranças e pela sensação de uma senhora que a vigiava: “A mulher do morro me fez pensar em minha avó” (LUFT, 2014, p. 11). Por isso, há uma circularidade nos fatos anunciados e lembrados por Anelise, nos quais há aproximações entre as vivências da avó, da mãe e da própria narradora.

No momento de refúgio, Anelise se mostra nostálgica e triste. Desse modo, a depressão e a melancolia vão se intercalando, surgindo como um fantasma, que pode ser entendido com a presença da avó, vista também pela empregada: “Nazaré, a caseira, conta que essa mulher sobe o morro e fica um tempão olhando a paisagem. Sempre no mesmo lugar” (LUFT, 2014, p. 11). Essa situação reflete o quanto a vida de Anelise pode estar ligada ao passado. Aos poucos, ela acaba se desconcentrando do seu presente e passa a viver sob as sombras do passado. Os flashbacks e a imagem da avó acabam confundindo-se entre o viver daquele momento com as lembranças de seus antepassados.

Além das lembranças, notamos que o espaço também ajuda/interfere nas tomadas das decisões de suas personagens. O ambiente retratado, o chalé, ganha dimensão de vida, pois o resgate do passado para entender o presente de Anelise é construído num espaço subjetivo, relacionado à construção emotiva dessa narrativa, pois “em textos de autoria feminina, o espaço da casa desempenha um importante papel na construção e decifração do enredo, pois este espaço adquire, por vezes, uma função estruturante” (XAVIER, 2012, p. 15). No caso de Luft, esse espaço é repleto de tristeza, mistérios e enigmas, que vão sendo desnudados pela voz de uma mulher preocupada em resgatar outras vozes silenciadas pela violência estrutural hegemônica.

## O lugar de fala mulher

As vozes dessas personagens são construídas a partir do sequenciamento de ações vividas e retomadas pela narradora. Mesmo quando as personagens são caladas, podemos considerá-las gritantes, pois suas histórias não precisam ser ecoadas e transmutadas em falas para serem alcançadas, bastam ser sentidas e indagadas. Particularmente, a aproximação entre as angústias de Catarina e Anelise é fundamental para retermos o questionamento da violência contra a mulher, pois a intersecção dessas vozes: “projeta uma arte feminista, em que escrever é rever o passado de um lugar crítico, deslocando a narrativa oficial de que Catarina era louca, por isso precisava ser disciplinada pelo sexo controlador do patriarca” (GOMES, 2018, p. 83).

Por se tratar de uma narrativa arquitetada com a retomada de vozes e lembranças de diferentes tipos de violência contra a mulher, torna-se relevante analisarmos o lugar de fala da narradora. Segundo Djamilia Ribeiro, o lugar de fala reflete no valor que a voz silenciada pode agregar e nos traz uma reflexão de quem pode falar por quem. No texto literário em questão, a neta consegue falar pela avó e mãe mortas e ligar suas histórias de vidas, procurando trazer um sentido existencial para aquele momento em que ela se deparava. Desse modo, o termo “lugar de fala” está relacionado à “discussão sobre *feminist stand point* – em uma tradução literal, ‘ponto de vista feminista’ – diversidade, teoria racial crítica e pensamento descolonial” (RIBEIRO, 2017, p. 58).

Em suas reflexões, Anelise insiste em buscar explicações para seu fracasso como esposa e mãe, deixando pistas do jogo em torno das memórias da narradora: “bem que o mar podia subir mais, cada vez mais, tirar do tabuleiro outra peça, esta que só dá azar Anelise, Anelise” (LUFT, 2014, p. 111). Em profunda depressão, a narradora passa a se martirizar como um problema familiar e se mostra refugiada de si na casa de veraneio.

Se para Catarina o sótão foi o lugar de fuga, para Anelise, o chalé é um ambiente de reclusão para suas tristezas. Esse lugar familiar reforça as contradições psicológicas da protagonista, pois, apesar de estar relacionado ao seu passado, traz tristes memórias que prolongam sua dor. Nesse contexto, a casa da família se contrapõe à liberdade almejada pela narradora, que se mostra fragmentada e perdida, condição atrelada à casa que se projeta como “prisão” (XAVIER, 2012, p. 165).

Conforme a história vai sendo lembrada, os outros tipos de violência vêm à tona, sobretudo os sofridos pelas três filhas de Catarina em seus respectivos casamentos:

“Beatriz, que se casaria por três semanas apenas. Tia Dora, mais de uma vez. Minha mãe, com um homem que a protegeria da fragilidade numa existência quase tão irreal quanto aquela do sótão” (LUFT, 2014, p. 18). As três não conseguem se livrar das sequelas psicológicas deixadas por Catarina. Beatriz é tida como uma rabugenta e repete as cobranças patriarcais. A figura materna, Norma, é vista como uma mãe “distante e ausente”. Já a tia, Dora, era vista como solitária, pois não conseguiu um casamento tradicional, apesar de causar admiração: “bonita, parecia alegre também, de uma vitalidade que, nos raros encontros, me impressionava: era assim que eu queria ser” (LUFT, 2014, p. 25).

Em comum, essas vozes ecoam a repressão patriarcal e perdem o direito de liberdade e de escolherem o melhor caminho para si. A pluralidade de interesses das personagens de Luft reforça as escolhas de cada mulher em oposição aos valores hegemônicos. Segundo Spivak: “As redes de poder/desejo/interesse são tão heterogêneas que sua redução a uma narrativa coerente é contraproducente” (2010, p. 21-22). Por essa perspectiva, observamos que entre a voz da narradora e de sua avó, há outras vozes de mulheres que reforçam a heterogeneidade de identidades femininas que se projetam no texto de Lya Luft.

A violência de gênero sofrida pelas mulheres da família reforça os elos entre elas. Assim, o resgate dessas vozes, aos poucos, vai se organizando em torno dos conflitos vividos por Anelise. Esse coro de mulheres silenciado pela violência estrutural hegemônica vem à tona pela voz da narradora. Para Spivak, esse debate é fundamental para a revisão do passado, pois garante o lugar de fala de quem estava falando sem intermediários e sem filtros ideológicos próprios do “falar por” (SPIVAK, 2010, p. 31). Ao priorizar a voz da mulher, a literatura de Luft projeta um olhar de revisão crítico acerca da violência patriarcal.

Esteticamente, além de fortalecer um posicionamento político de resistência feminina, o jogo de vozes intercala reflexões sobre a tessitura pós-moderna, pois “ao mesmo tempo em que fala de si, esse tipo de narrativa busca soluções sociais” (GOMES, 2010, p. 52). Nota-se que a retomada da fala da avó e da mãe é, na verdade, uma tentativa de a narradora entender seu presente tão devastador após a perda do filho. Juntando as falas de suas antecessoras, Anelise consegue produzir um grito de dor que vai além de seu desassossego, expondo a perversidade por trás da violência de gênero.

Por essa perspectiva, a retomada de vozes remete à luta de resistência dessas mulheres, pois “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir.

Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64). Assim, as recordações de Anelise têm um duplo sentido: resgatar a voz das mulheres silenciadas pela violência patriarcal e buscar respostas pessoais para seus conflitos psicológicos. Com esse duplo lugar de falar, o romance de Luft se projeta como uma arte articulada com a agenda de revisão feminista própria das últimas décadas do século XX.

### **Considerações finais**

O jogo entre as vozes de Anelise e Catarina nos ajuda a entender como a revisão dos valores patriarcais são questionados em *As parceiras*. Portanto, por esse recorte, percebemos mais que uma tentativa que dá visibilidade à voz da avó silenciada, pois há uma solidariedade entre a narradora e a matriarca da família. Assim, estamos diante de um romance contemporâneo que dialoga com as reflexões sobre o lugar de fala da mulher, visto que o processo narrativo é também um caso de “revisão do passado” e uma “prática ativista de resgate da fala calada” por meio de uma literatura consciente de seu papel político (SPIVAK, 2010, p. 126).

Pelo debatido, constatamos que a literatura de Luft nos possibilita diversas reflexões sobre como resgatar a voz de mulheres silenciadas pela tradição patriarcal. Sua estética desmascara valores morais que relativizam a violência masculina para culpabilizar as mulheres das tragédias familiares. Por esse prisma, a loucura de Catarina é revista como uma seqüela dos estupros conjugais que ela sofreu. Já a infelicidade de Anelise está relacionada ao universo traumático de uma família perseguida pela tirania do pai. No tecido ficcional, esse trauma vai além de um problema pessoal, pois traz à baila as cobranças impostas às mulheres, desmascarando o mito da realização feminina pela maternidade.

Portanto, *As parceiras*, quando analisada sob um olhar baseado nos estudos de gênero e feminista, permite-nos ampliar perspectivas de uma composição literária preocupada em resgatar a voz da mulher diante de um sistema opressor. Além disso, essa obra é composta por um jogo narrativo que demanda regras capazes de deslocar as normas de gênero, pois é composto por projeto artístico de resistência. Por esse prisma, a obra de Lya Luft merece destaque por ser construída por um tecido de vozes femininas que denunciam as perversas normas da “dominação masculina”, que reforçam a violência estrutural (BOURDIEU, 2017). Assim, concluímos nossa análise com a indagação de

quantas Catarina da vida real também passam por estupros conjugais e têm suas vozes ceifadas por um sistema que mascara a violência conjugal ao aceitar o culto da virilidade em oposição ao rebaixamento do corpo da mulher.

## Referências

Página | 173

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad.: Maria Helena Kuhner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.

BUTLER, J. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, v. 42, p. 249-274, 2014.

GOMES, C. M. O romance pós-moderno feminino. **Revista Interdisciplinar**, Itabaiana, UFS, v. 10, n. 5, p. 45-53, 2010,

GOMES, C. M. Regulações do estupro em Lya Luft e Patrícia Melo. **Estudos Linguísticos e literários**. Salvador, UFBA, n. 59, p. 76-93, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28854/17077>. Acesso em: 02 nov. 2020.

GROSSI, J. T. As parceiras, de Lya Luft: uma perspectiva melancólica sobre a construção da personagem central da obra. **Anais do 13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural**. UPF: Passo Fundo (RS), 2013, p. 01-08.

LARA, B; RANGEL, B; MOURA, G; BARIONI, P. & MALAQUIAS, T. **#Meu Amigo Secreto: Feminismo além das redes**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

LUFT, L. **As parceiras**. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MACHADO, L. Z. **Feminismo em movimento**. São Paulo: Francis, 2010.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, justificando, 2017.

SANTIAGO, S. **Nas malhas das letras: ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTOS, C. M. D; IZUMINO, W. P. Violência contra a mulher e violência de gênero: notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **Revista Estudos Interdisciplinares de América Latina y el Caribe**, v. 16, n. 1, p. 147-167, 2005.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Trad.: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

XAVIER, E. **A casa na ficção de autoria feminina**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

## THE DOUBLE PLACE OF SPEECH IN *AS PARCEIRAS*, BY LYA LUFT

### Abstract

Página | 174

This article promotes a debate on the place of speech of the silenced woman, a victim of the patriarchal system, in the work *As Parceiras* (1980), by the writer Lya Luft. In this way, violence against women in this novel is confused with the violence of patriarchy, within failed marriages of three generations of dissatisfied and unhappy women. Then, the narrative starts to be told by the narrating character, Anelise, through the memories that alternate between facts of each generation of women in her family, starting from the matriarch, Catarina, her mother, and aunts, until she reaches the protagonist's disconcerting present. From this overlapping of voices Anelise and Catarina, we analyzed the woman's place of speech, revered by Gayatri Spivak and Djamila Ribeiro, in order to explore the technique used by the narrator to give voice to the silenced women of her family, while she seeks to find herself in the present. Expanding the theoretical-methodological approach, we used the concepts of feminist and gender studies proposed by Lia Zanotta Machado, regarding the classifications of the different phases of gender violence, and by Carlos Magno Gomes, about the relativization of violence against female characters in the Brazilian contemporary narratives.

**Keywords:** Voice. Gender Violence. Rape. Place of speech.

---

Recebido em: 16/09/2020

Aprovado em: 29/03/2021